

## **RESUMO EXPANDIDO**

### **O TRÂNSITO DOS SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CONTO “HISTORINHA DE JÚLIA” DE RICARDO RAMOS**

Katianny Késia Mendes Negromonte  
Universidade Federal de Campina Grande  
Diana Barbosa de Freitas  
Universidade Federal de Campina Grande  
Aloísio de Medeiros Dantas  
Universidade Federal de Campina Grande / Orientador

#### **1. INTRODUÇÃO**

O conto infantil caracteriza-se por ser uma narrativa curta que possui elementos próprios para a sua composição, tais como, personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. Vale também ressaltar que o objetivo do conto não é simplesmente contar uma história, mas manifestar no leitor sua sensibilidade para a realidade transposta no mundo ficcional.

Buscamos verificar, neste artigo, o trânsito do sujeito-personagem Júlia, no conto intitulado “Historinha de Júlia” de Ricardo Ramos, segundo a perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Nesse sentido, o objetivo principal deste artigo é fazer um estudo analítico do conto já mencionado, a partir das seguintes perguntas levantadas diante da leitura, i) o sujeito transita da infância à fase adulta? e ii) os discursos presentes no conto revelam a constituição do sujeito criança? Inicialmente, em termos provisórios, respondemos às perguntas da pesquisa, com duas hipóteses, que serão testadas na análise: a criança transfigura a realidade para sentir-se adulta; os discursos da responsabilidade e da ética constituem os sujeitos crianças. Para verificar essas hipóteses, a pesquisa teve como fundamentação teórica, GEDRAT, KARNOPP E FLÔRES (2006), ORLANDI (2001), FERREIRA e INDURSKY (2007) e CAZARIN (2007).

#### **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

##### **2.1 O sujeito discursivo**

O sujeito para a AD é heterogêneo, clivado, perpassado por vozes, além de corresponder a uma subjetividade (não-subjetiva) que se constrói a partir do lugar que ocupa, visto que é marcado pela historicidade, pela ideologia e pelo inconsciente, pois analisa-se não o sujeito físico, mas a posição do sujeito que se revela no discurso.

Através da língua este indivíduo interpelado em sujeito enuncia o seu dizer tentando atribuir sentido e significar-se a partir do simbólico. Podemos compreender, portanto, que as relações que compõem a linguagem, na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, levam

em consideração gestos simbólicos dos sujeitos que se movimentam em situações sócio historicamente estabelecidas.

Indursky (2007) salienta que a primeira noção de sujeito formulada pela Análise do Discurso advém de Pêcheux, para quem o sujeito é uma entidade social. Depois, concebe-se o sujeito não só como social, mas também como dotado de inconsciente, fazendo com que o sujeito pense ser a fonte e o responsável por seu dizer. Em seguida, Pêcheux, formulando uma teoria não subjetiva da subjetividade, acrescenta um outro fator à AD: a ideologia passa a interpelar os indivíduos em sujeitos. Nessa perspectiva, o sujeito, além de social, é histórico, sendo, portanto, ideológico e dotado de inconsciente.

## **2.2 Formação discursiva e a posição sujeito**

De acordo com Cazarin (2007, p. 111), a formação discursiva “consistia em um espaço possível de contradição e de transformação interna”, esta contradição não é simétrica, pois estabelece uma oposição entre forças ideológicas que atuam uma contra a outra em um mesmo espaço, e isto faz que com que o sujeito se constitua dentro da formação discursiva a partir da tomada de posição que pode ocorrer diante de três modalidades. Primeiro, por meio da identificação, a tomada de posição não pode ser compreendida como uma vontade do sujeito-falante, mas como um efeito, na forma sujeito, ou seja, é a superposição do sujeito da enunciação e o sujeito universal que, de acordo com Gedrat (2006, p. 137), seria “a posição ocupada por todo aquele que, de dentro de uma dada FD, fala sobre elementos do saber conforme a mesma.”

Na segunda modalidade, por meio da contraidentificação, a tomada de posição está vinculada ao discurso do “mau-sujeito”, pois o sujeito da enunciação se distancia, contesta o sujeito universal, através de uma tomada de posição. A terceira modalidade pode ser relacionada com a desidentificação, em que o sujeito enunciador não se identifica com a formação discursiva, de modo que vai em busca de outra formação discursiva e de outra forma sujeito.

## **3. ANÁLISE DOS DADOS**

O conto “Historinha de Júlia” narra as ações próprias da protagonista Júlia. A partir da leitura feita, verificamos as relações que se estabelecem entre o sujeito da enunciação<sup>1</sup> e o

---

<sup>1</sup> O sujeito da enunciação é entendido como o “dono do dizer”, aquele que fala. Contudo, na AD, isto é o anterior dito e esquecido, determinante do sujeito e caracterizado como uma ilusão.

sujeito universal<sup>2</sup>. Para compreender esta interação utilizaremos as três tomadas de posições abarcadas na AD: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação.

No fragmento:

*Júlia mordeu Laila.*

*Júlia bateu em Fernando.*

*Júlia tirou o brinquedo de Tatiana.* (RAMOS, 2006, 76).

Aqui, verificamos que o sujeito Júlia ocupa a sua posição de criança, uma vez que suas atitudes são próprias do universo infantil. Tendo como base que a posição sujeito se caracteriza, de acordo com Cazarin (2007), pelo lugar que os sujeitos estão inscritos numa estrutura social constituída por aparelhos ideológicos que regem sua formação discursiva, acreditamos o que sujeito Júlia, mergulhada nesta ideologia, passa pelo processo de identificação, o que quer dizer que, a personagem Júlia se identifica com a formação discursiva do mundo infantil, e podemos observar isso através dos elementos linguísticos explicitados pelos verbos *mordeu*, *bateu* e *tirou*.

Em outro fragmento selecionado, notamos não mais aspectos oriundos da personalidade de criança:

*- Quanta gente! – disse um dia ao chegar.*

*É quem distribui os brinquedos, quem lembra os limites e recomenda:*

*- Não dá pra jogar areia no chão.*

*Ou:*

*- Senta pra ler a história.* (RAMOS, 2006, p. 76).

Visto que, a personagem Júlia incorpora características de um sujeito adulto, e para a AD ela se encontra como um mau sujeito, se enquadrando na segunda tomada de posição: a contraidentificação, em que o sujeito enunciativo se sobrepõe ao sujeito universal, ou seja, ocorre um conflito entre a ideologia predominante, neste caso, o mundo infantil, e a aceitação do sujeito com este mundo. As atitudes da protagonista comprovam esta assertiva.

A terceira tomada de posição discursiva, é denominada de desidentificação, que, para Indursky (2007), corresponde à mudança de posição do sujeito de uma dada formação discursiva para outra. No conto, esse discurso da responsabilidade e da ética, próprio do adulto está explicitamente marcado no sujeito criança:

*Júlia consegue manter um diálogo com outra criança e, muitas vezes, lembra a maneira com que os adultos se dirigem às meninas. Um dia literalmente representou:*

---

<sup>2</sup> O sujeito universal corresponde à posição ocupada pelo sujeito numa dada formação discursiva.

- *Mamãe canta e fala: tá na hora de dormir.* (RAMOS, 2006, p. 78).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das hipóteses levantadas no início deste estudo: i) a criança transfigura a realidade para sentir-se adulta; ii) o discurso da responsabilidade e da ética constituem os sujeitos crianças, conseguimos constatar, através da materialidade linguística do conto, que as suposições foram confirmadas. Visto que, quando a criança entra no processo de socialização com o adulto, ela passa a se constituir por meio de três parâmetros: o outro, a si mesmo e o inconsciente. Posto que, muitas vezes, escapa de sua consciência o fato de que está transitando de uma formação discursiva para outra.

O sujeito Júlia é duplamente afetado pelo funcionamento social e pela ideologia, pois, ora ela assume características do mundo adulto, ora do mundo infantil. Neste sentido, a personagem Júlia não é homogênea, visto que, ao mesmo tempo em que ela se identifica, ela toma posições de contraidentificação e, conseqüentemente, de desidentificação com a formação discursiva que a constitui.

O discurso da responsabilidade e da ética, por vezes, sobressai ao discurso próprio do mundo infantil. Isto é positivo, visto que, se desenvolve na criança a segurança e a independência para realizar determinadas atividades que no tempo presente não lhe é exigida, mas o será no futuro.

#### REFERÊNCIAS

CAZARIN, Ercília Ana. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.** São Carlos: Claraluz, 2007, p. 109-134.

FLÔRES, Onici. **Teorias do texto e do discurso.** Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.** São Carlos: Claraluz, 2007, p. 163-172.

\_\_\_\_\_. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.** São Carlos: Claraluz, 2007, p.70-81.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** São Paulo: Cultrix, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do sujeito na História e no Simbólico. In: **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos.** Campinas: Pontes, 2001, p. 99-108.

RAMOS, Ricardo. **Estação primeira.** São Paulo: Scipione, 2006.

## TRABALHO COMPLETO

### O TRÂNSITO DOS SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CONTO “HISTORINHA DE JÚLIA” DE RICARDO RAMOS

Katianny Késia Mendes Negromonte  
Universidade Federal de Campina Grande  
Diana Barbosa de Freitas  
Universidade Federal de Campina Grande  
Aloísio de Medeiros Dantas  
Universidade Federal de Campina Grande / Orientador

#### Resumo

O conto infantil é um gênero literário que manifesta a sensibilidade do leitor para a realidade transposta no mundo ficcional. A metodologia utilizada neste artigo foi a escolha e a leitura interpretativa do conto “Historinha de Júlia” de Ricardo Ramos. O objetivo era analisar o trânsito do sujeito-personagem Júlia, segundo a perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Para isso, teve como fundamentação teórica os seguintes autores Gedrat (2006), Orlandi (2001), Orlandi (1996), Ferreira (2007). Ao longo da pesquisa constatamos que a criança transfigura a realidade para sentir-se adulta e que os discursos da responsabilidade e da ética constituem os sujeitos crianças. Portanto, observa-se que a escola é um meio que permite a socialização e consequentemente a formação da identidade do indivíduo-criança.

**Palavras chaves:** Conto infantil, Análise do discurso, Sujeito.

#### 1. INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais são eventos comunicativos que têm como principal meta estabelecer uma relação entre o sujeito leitor e o sujeito autor. Nesse sentido, o conto infantil caracteriza-se por ser uma narrativa curta que possui elementos próprios para a sua composição, tais como, personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. Vale também ressaltar que o objetivo do conto não é simplesmente contar uma história, mas manifestar no leitor sua sensibilidade para a realidade transposta no mundo ficcional.

Além disso, o gênero textual literário conto é um conteúdo didático e definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), logo deve ser trabalhado e estudado na sala de aula. Por esta razão, verificaremos, neste artigo, o trânsito do sujeito-personagem Júlia, no conto intitulado “Historinha de Júlia” de Ricardo Ramos, segundo a perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Este autor escreveu prosa ficcional para o público juvenil, apresentando realidades transfiguradas, não as distanciando do contexto e da relação indissociável entre os aspectos próprios da infância e do processo de socialização na escola.

É possível perceber que muitas das características citadas se revelam na temática do conto “Historinha de Júlia”, uma vez que este retrata, por meio do lugar discursivo da personagem, a fragmentação do sujeito no seu processo de socialização educacional, a partir do contexto escolar. O objetivo principal deste artigo é fazer um estudo analítico do conto já

mencionado, a partir das seguintes perguntas levantadas diante da leitura, i) o sujeito transita da infância à fase adulta? e ii) os discursos presentes no conto revelam a constituição do sujeito criança? Inicialmente, em termos provisórios, respondemos às perguntas da pesquisa, com duas hipóteses, que serão testadas na análise: a criança transfigura a realidade para sentir-se adulta; os discursos da responsabilidade e da ética constituem os sujeitos crianças. Para verificar essas hipóteses, a pesquisa teve como fundamentação teórica, GEDRAT, KARNOPP E FLÔRES (2006), ORLANDI (2001), FERREIRA e INDURSKY (2007) e CAZARIN (2007).

Este artigo se organiza em quatro partes. A primeira, a introdução. A segunda corresponde à fundamentação teórica e será dividida em dois tópicos, sendo eles, a abordagem do sujeito discursivo, seguida da concepção de formação discursiva e posição-sujeito. A terceira parte se refere à análise do conto em questão e a quarta e última parte está direcionada às considerações finais

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O sujeito discursivo**

A Análise do Discurso é uma corrente teórica que se configura a partir de três áreas do conhecimento, a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Tendo como objeto de estudo o discurso, este não é apenas uma simples transmissão de mensagens, mas um efeito de sentido entre os interlocutores, que o torna possível de ser estudado levando em consideração o sujeito, a língua e a história.

Diante disso, o sujeito para a AD é heterogêneo, clivado, perpassado por vozes, além de corresponder a uma subjetividade (não-subjetiva) que se constrói a partir do lugar que ocupa, visto que é marcado pela historicidade, pela ideologia e pelo inconsciente, pois analisa-se não o sujeito físico, mas a posição do sujeito que se revela no discurso.

Sob essa ótica, comungamos com os pensamentos de Orlandi (2001) ao assegurar que o sujeito discursivo se constitui de acordo com a ideologia que o interpela. Assim, através da língua este indivíduo interpelado em sujeito enuncia o seu dizer tentando atribuir sentido e significar-se a partir do simbólico. Podemos compreender, portanto, que as relações que compõem a linguagem, na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, levam em consideração gestos simbólicos dos sujeitos que se movimentam em situações sócio historicamente estabelecidas.

Pensando nas condições de produção dos discursos dos sujeitos, nos remetemos a outro termo comumente empregado nos estudos da AD, a Formação Discursiva (FD). Orlandi (2001, p. 103) atenta para o fato de que a FD “representa o lugar de constituição de sentido e de identificação do sujeito”. Nessa perspectiva, é por meio da Formação Discursiva que o sentido adquire unidade uma vez que ele se distingue de outros. Podemos, então, entender que a ideologia para a AD contribui para o equívoco da língua. Ao mesmo tempo que temos um sujeito e um sentido representando uma unidade, temos também um deslocamento tanto dos sujeitos como dos sentidos. Encontrando, historicamente, a contradição.

A fim de compreendermos melhor este duplo movimento da subjetividade do sujeito, nos centraremos em dois momentos evidenciados por Orlandi (2001). No primeiro, temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Assim, o indivíduo é afetado pelo simbólico, na história, sendo sujeito, se subjetivando. No segundo, o estabelecimento (e o deslocamento) do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento (e o deslocamento) das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado. O Estado, constituído por suas instituições e relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, individualiza a forma sujeito histórica. Assim, o indivíduo não é a unidade de origem, mas o resultado de um processo referido pelo Estado. O assujeitamento está presente de qualquer forma. Seja no sujeito interpelado pela ideologia ou no deslocamento do sujeito aos modos pelos quais o Estado o individualiza.

Indursky (2007) salienta que a primeira noção de sujeito formulada pela Análise do Discurso advém de Pêcheux, para quem o sujeito é uma entidade social. Depois, concebe-se o sujeito não só como social, mas também como dotado de inconsciente, fazendo com que o sujeito pense ser a fonte e responsável por seu dizer. Em seguida, Pêcheux, formulando uma teoria não subjetiva da subjetividade, acrescenta um outro fator à AD. A ideologia passa a interpelar os indivíduos em sujeitos. Nessa perspectiva, o sujeito, além de social, é histórico, sendo, portanto, ideológico e dotado de inconsciente.

O sujeito no discurso funciona por meio da relação do sujeito com a Formação Discursiva (FD). Concebe-se a FD como sendo um domínio do saber constituído de enunciados discursivos que regulam o que pode ou não ser dito dentro de determinada ideologia. Assim, o sujeito se identifica com a FD que o domina. Pêcheux ainda acrescenta que esta identificação se dá através da forma-sujeito, ou seja, com o sujeito histórico.

Vemos, portanto, que os fatores da unicidade e da homogeneidade se desmistificam, e passamos a ter a heterogeneidade e a contradição. Nesse sentido, surge o interdiscurso, uma vez que a ideologia não é idêntica em si mesma, ela é perpassada pela contradição, pelos

outros discursos. Corroboramos com Courtine (1982, p. 245) citado por Indursky (2007), quando este afirma que “uma Formação Discursiva não é só um discurso para todos, não é também a cada um seu discurso, mas deve ser pensada como dois (ou mais) discursos em um só”.

Por este viés, compreendemos que, concebendo este sujeito como fragmentado, diversas posições podem ser assumidas pelo mesmo. Como afirma Indursky (2007):

Se, inicialmente, ao identificar-se com a formação discursiva, o sujeito do discurso o fazia diretamente com a forma-sujeito que a organizava, agora precisa identificar-se com a forma-sujeito pelo viés de uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva, pois cada posição-sujeito representa diferentes modos de se relacionar com a forma-sujeito (INDURSKY, 2007, p. 77).

A fim de aprofundarmos as discussões acerca da posição sujeito e da formação discursiva, abordaremos no próximo tópico essas questões conceituais.

## **2.2 Formação discursiva e a posição sujeito**

A partir da explanação feita no primeiro tópico sobre o sujeito discursivo na AD, percebemos que este é heterogêneo, clivado, perpassado por vozes, além de corresponder a uma subjetividade (não-subjetiva) que se constrói a partir do lugar que ocupa, visto que é marcado pela historicidade, pela ideologia e pelo inconsciente, pois analisa-se não o sujeito físico, mas a posição do sujeito que se revela no discurso.

Diante disso, a AD procura estudar o discurso não de forma isolada do seu contexto social, mas levando em consideração o sujeito que se diz “dono” do seu dizer e a posição discursiva que este ocupa na esfera social. Afinal, os discursos são influenciados e marcados pelos aspectos ideológicos, históricos presentes na sociedade.

Nestas circunstâncias percebemos que o assujeitamento do sujeito ideológico se opera na formação discursiva, pois de acordo com Cazarin (2007), a FD refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, pois o indivíduo mobiliza uns saberes e outros não, no momento da enunciação, porque estes estão sendo influenciados e determinados pelo lugar que irão ser propagados. Portanto, o sujeito enunciador não é a fonte de sentido, nem o senhor da língua.

É importante destacar que Foucault (1971), citado por Indursky (2007), concebe a Formação Discursiva como sendo um conjunto de regularidades que determinam a homogeneidade e o fechamento do discurso. Sob essa ótica, a FD se estabelece com



regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação. Em contraponto, a Formação Discursiva em Pêcheux (1988) é atrelada a noção de ideologia. Dessa forma, a FD é entendida como o que pode e o que deve ser dito pelo sujeito. Nesse momento, na Formação Discursiva não há espaço para alteridade e contradição.

Já de acordo com Cazarin (2007, p. 111), a formação discursiva “consistia em um espaço possível de contradição e de transformação interna”, esta contradição não é simétrica, pois estabelece uma oposição entre forças ideológicas que atuam uma contra a outra em um mesmo espaço, e isto faz que com que o sujeito se constitua dentro da formação discursiva a partir da tomada de posição que segundo Cazarin (2007) pode ocorrer diante de três modalidades. Primeiro, por meio da identificação, a tomada de posição não pode ser compreendida como uma vontade do sujeito-falante, mas como um efeito, na forma sujeito, ou seja, é a superposição do sujeito da enunciação e o sujeito universal que, de acordo com Gedrat (2006, p. 137), seria “a posição ocupada por todo aquele que, de dentro de uma dada FD, fala sobre elementos do saber conforme a mesma.”

Na segunda modalidade, por meio da contraidentificação, a tomada de posição está vinculada ao discurso do “mau-sujeito”, pois o sujeito da enunciação se distancia, contesta o sujeito universal, através de uma tomada de posição. A terceira modalidade pode ser relacionada com a desidentificação, em que o sujeito enunciador não se identifica com a formação discursiva, de modo que vai em busca de outra formação discursiva e de outra forma sujeito.

Podemos dizer, então, que a relação entre a posição sujeito e a forma sujeito garante a heterogeneidade da formação discursiva, pois esta abriga diferentes posições sujeitos, o que justifica a teoria não subjetiva da subjetividade da AD, visto que o sujeito é dividido, fragmentado, disperso, clivado.

Além disso, quando a posição sujeito vai de encontro com a formação discursiva, na qual está inserida gera-se a forma-sujeito. Logo, observamos que a contradição entre as posições dos sujeitos na formação discursiva não é marcada pela divergência (diferentes posições-sujeito), mas sim pelas diferenças dos discursos veiculados naquela esfera social. Neste sentido, como afirma Cazarin (2007, p 113), “o sujeito é duplamente afetado, pois o mesmo é concomitantemente determinado por aquilo que a posição-sujeito lhe impõe e pela relação que esta mantém com a formação discursiva em que está inscrita.”

Portanto, temos nesta perspectiva teórica uma crença de que o sujeito se constitui a partir das ideologias que o cercam e estas se materializam através dos discursos que por sua vez se concretizam por meio da materialidade linguística. Além disso, nem todos os saberes

serão enunciados pelo sujeito, pois os discursos são ditos de acordo com as particularidades dos lugares sociais que se encontram, desta forma é possível afirmar que o sujeito não é dono do seu dizer, pois o discurso é exterior a língua e ao enunciador.

Após a abordagem sobre o sujeito, a formação discursiva e a posição do sujeito, sob a ótica da AD, relacionaremos no próximo tópico, “Análise dos dados” estes conceitos com a personagem Júlia do conto “Historinha de Júlia”, de Ricardo Ramos.

### **3. ANÁLISE DOS DADOS**

Como sabemos, o gênero conto é constituído por elementos da narrativa, tais como: ação, tempo, espaço, personagens, enredo e narrador. O primeiro, de acordo com Moisés (2007) seria a soma de gestos e atos que compõem o enredo. O segundo, é subdividido em cronológico (a história é contada em seu tempo físico real), psicológico (desobedece a linearidade do tempo histórico) e metafísico (os fatos extrapolam a temporalidade de compreensão do sujeito histórico). O terceiro, é o local onde ocorre a narrativa. O quarto, são os seres inanimados e animados que compõem uma obra. O quinto é história propriamente dita, constituída pela exposição, complicação, clímax e desfecho. E o sexto, é aquele que tem como principal função estruturar a história.

Nesse sentido, podemos observar que o conto “Historinha de Júlia” narra as ações próprias da protagonista Júlia. A partir da leitura feita, notamos que o narrador ora sugere que a criança se encontra em um ambiente escolar, ora familiar. No entanto, temos como suposição de que seja o meio escolar, visto que a protagonista se relaciona com outras crianças, as personagens secundárias: Laila, Fernando e Tatiana. E outros adultos: Bel e Lena (mãe) e o próprio narrador. Além disso, logo no início da narrativa, vemos a temporalidade quando o narrador situa o leitor no tempo, afirmando que história se passa “no início do semestre”.

A partir deste contato com sujeitos crianças e adultos, verificamos, neste conto, as relações que se estabelecem entre o sujeito da enunciação<sup>3</sup> e o sujeito universal<sup>4</sup>. Para compreender esta interação utilizaremos as três tomadas de posições abarcadas na AD: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação.

---

<sup>3</sup> O sujeito da enunciação é entendido como o “dono do dizer”, aquele que fala. Contudo, na AD, isto é o anterior dito e esquecido, determinante do sujeito e caracterizado como uma ilusão.

<sup>4</sup> O sujeito universal corresponde à posição ocupada pelo sujeito numa dada formação discursiva.

Tomando como base a personagem Júlia, situada no ambiente escola, verificamos o seu processo de socialização na transição do sujeito criança para o sujeito adulto a partir das interações discursivas estabelecidas no contato entre indivíduos da mesma e superior faixa etária. E isto pode ser comprovado por meio da seleção de alguns fragmentos do conto em questão. Inicialmente, observemos o início da narrativa através dos seguintes trechos:

*Júlia mordeu Laila.  
Júlia bateu em Fernando.  
Júlia tirou o brinquedo de Tatiana. (RAMOS, 2006, 76).*

Aqui, verificamos que o sujeito Júlia ocupa a sua posição de criança, uma vez que suas atitudes são próprias do universo infantil. Tendo como base que a posição sujeito se caracteriza, de acordo com Cazarin (2007), pelo lugar que os sujeitos estão inscritos numa estrutura social constituída por aparelhos ideológicos que regem sua formação discursiva, acreditamos o que sujeito Júlia, mergulhada nesta ideologia, passa pelo processo de identificação, o que quer dizer que, a personagem Júlia se identifica com a formação discursiva do mundo infantil, e podemos observar isso através dos elementos linguísticos explicitados pelos verbos *mordeu*, *bateu* e *tirou*.

Em outro fragmento selecionado, notamos não mais aspectos oriundos da personalidade de criança:

*- Quanta gente! – disse um dia ao chegar.  
É quem distribui os brinquedos, quem lembra os limites e recomenda:  
- Não dá pra jogar areia no chão.  
Ou:  
- Senta pra ler a história. (RAMOS, 2006, p. 76).*

Visto que, a personagem Júlia incorpora características de um sujeito adulto, e para a AD ela se encontra como um mau sujeito, se enquadrando na segunda tomada de posição: a contraidentificação, em que o sujeito enunciativo se sobrepõe ao sujeito universal, ou seja, ocorre um conflito entre a ideologia predominante, neste caso, o mundo infantil, e a aceitação do sujeito com este mundo. As atitudes da protagonista comprovam esta assertiva.

Para o senso comum, a criança é um sujeito passivo à ordem, pois ela é dependente de um adulto no processo de realização de atividades. Todavia, o sujeito Júlia, por nós analisado, não se comporta em todos os momentos desta maneira. Já que, neste fragmento, ela apresenta questionamentos (*- Quanta gente!*), recomendações (*- Não dá pra jogar areia no chão.*) e estabelece limites (*- Senta pra ler a história*). Na maioria das vezes, as crianças é que precisam

de um mediador para lhes instruir, fazendo recomendações e impondo limites, além de não interferir e de opinar sobre pessoas e o ambiente em que se encontram. Aqui, Júlia se coloca como uma adulta, direcionando e determinando as atividades a serem efetivadas no contexto escolar.

A terceira tomada de posição discursiva, é denominada de desidentificação, que, para Indursky (2007), corresponde à mudança de posição do sujeito de uma dada formação discursiva para outra. No conto, esse discurso da responsabilidade e da ética, próprio do adulto está explicitamente marcado no sujeito criança:

*Júlia consegue manter um diálogo com outra criança e, muitas vezes, lembra a maneira com que os adultos se dirigem às meninas. Um dia literalmente representou:  
- Mamãe canta e fala: tá na hora de dormir. (RAMOS, 2006, p. 78).*

Neste fragmento, podemos observar que a criança transfigura a realidade para sentir-se adulta por meio da imaginação e da brincadeira.

Além dessas características, é perceptível um diferenciado desenvolvimento do sujeito Júlia com a linguagem:

*Já expressa verbalmente suas emoções [...] Júlia conta fatos com antes e depois, causa e efeito, Demonstra por palavras a recordação do passado. (RAMOS, 2006, p. 77-78).*

A protagonista mostra dominar, de forma clara, coesa, coerente os signos linguísticos, visto que ela demonstra, através da materialidade linguística, a aquisição e o uso da linguagem de forma lógica, já que ela consegue narrar uma história apresentando “*fatos com antes e depois, causa e efeito*”. E não se nota isto em crianças que ainda tem comportamento de morder, bater e esconder brinquedos, como apresentado no início da narrativa.

Tendo em vista que para a AD de linha francesa o sujeito não é uno, mas clivado, heterogêneo e perpassado por outros discursos que o constituem, é notório que o sujeito aqui analisado tem essa configuração. Vejamos mais um exemplo desta pluralidade presente na constituição da protagonista:

*[..] Como fala muito em ir ao médico e tomar injeção, com Júlia sempre acontece uma brincadeira de médico. (RAMOS, 2006, p. 78).*

Comungando com as ideias de Cazarin (2007, p. 113) “o sujeito não é centralizado, em um eu monolítico; é um sujeito relativizado, com forte presença do outro, com quem divide seu espaço discursivo – é ele mais a complementação do outro, mais o inconsciente”. Diante disso, percebemos que, para a criança chegar a fazer brincadeiras de médico, o outro, - o adulto – interferiu nesse processo, pois desperta no inconsciente da criança as atitudes dos adultos de ir ao médico e tomar injeções. Portanto, a criança é formada por ela mesma e pelo outro – adulto – mais o inconsciente. De modo que, escapa aos seus sentidos que aquilo que faz não pertence ao seu universo infantil.

Por último, analisemos o seguinte trecho:

*Sinto que Júlia, vem aos poucos, tendo mais confiança em si, inclusive corporalmente falando. A princípio vacilava em pular, em jogar-se, como da mesa para o meu colo. Atualmente ela faz isso com muita maior segurança. (RAMOS, 2007, p. 79).*

Como se vem analisando ao longo deste estudo sobre a transformação da posição sujeito, observa-se que neste trecho não há uma permuta entre criança e adulto, mas sim o próprio crescimento e mudança física e ideológica do sujeito Júlia enquanto criança. É importante salientar, que tal desenvolvimento se dá pela mediação dos que compõem a escola.

Através da análise, faremos breves considerações tanto em relação à AD de linha francesa quanto aos resultados obtidos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo das hipóteses levantadas no início deste estudo: i) a criança transfigura a realidade para sentir-se adulta; ii) o discurso da responsabilidade e da ética constituem os sujeitos crianças, conseguimos constatar, através da materialidade linguística do conto, que as suposições foram confirmadas. Visto que, quando a criança entra no processo de socialização com o adulto, ela passa a se constituir por meio de três parâmetros: o outro, a si mesmo e o inconsciente. Posto que, muitas vezes, escapa de sua consciência o fato de que está transitando de uma formação discursiva para outra.

A análise do sujeito Júlia no conto intitulado “Historinha de Júlia” confirma a teoria da AD de linha francesa, uma vez que o sujeito é duplamente afetado pelo funcionamento social e pela ideologia. Portanto, ele é clivado, heterogêneo e fragmentado, pois, ora ela assume características do mundo adulto, ora do mundo infantil. Neste sentido, a personagem Júlia não é homogênea, visto que, ao mesmo tempo em que ela se identifica, ela toma posições de contraidentificação e, conseqüentemente, de desidentificação com a formação discursiva que a constitui.

Assim, no sujeito analisado, predomina atitudes do universo adulto. Logo, o discurso da responsabilidade e da ética, por vezes, sobressai ao discurso próprio do mundo infantil. Isto é positivo, visto que, se desenvolve na criança a segurança e a independência para realizar determinadas atividades que no tempo presente não lhe é exigida, mas o será no futuro.

Essa tomada de responsabilidade é advinda do processo de socialização que ocorre na escola. É verdade que, sem este espaço de interação com o outro, torna-se difícil o desenvolvimento intelectual, social e cultural do indivíduo.

Sob essa ótica, acreditamos que é indubitável a necessidade de inserção da criança no meio escolar. Propiciar esta experiência ao sujeito é de suma importância para o processo de amadurecimento e de transformação das fases de criança-adolescente-adulto.

## REFERÊNCIAS

CAZARIN, Ercília Ana. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 109-134.

FLÔRES, Onici. **Teorias do texto e do discurso**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 163-172.

\_\_\_\_\_. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p.70-81.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do sujeito na História e no Simbólico. In: **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001, p. 99-108.

RAMOS, Ricardo. **Estação primeira**. São Paulo: Scipione, 2006.